

OBSCENA

revista de artes performativas

CONSERVAR O CONSERVATÓRIO
Apelo às Ministras da Educação e Cultura

MARINA ABRAMOVIĆ
The Kitchen – portfolio exclusivo

MARGUERITE DURAS
O cinema, o teatro, os livros e a vida

PARKOUR
A arte da deslocação



Vol. 2/2

**JULIAN BELL, JOAQUIM BENITE
AUGUSTO ALVES DA SILVA
BÉLA PINTER, CARLOTA LAGIDO
DAVID CLAERBOUT, PEDRO COSTA**

REACÇÃO, FIXAR, MATÉRIA, TEMPO, VÍCIO, UTOPIA

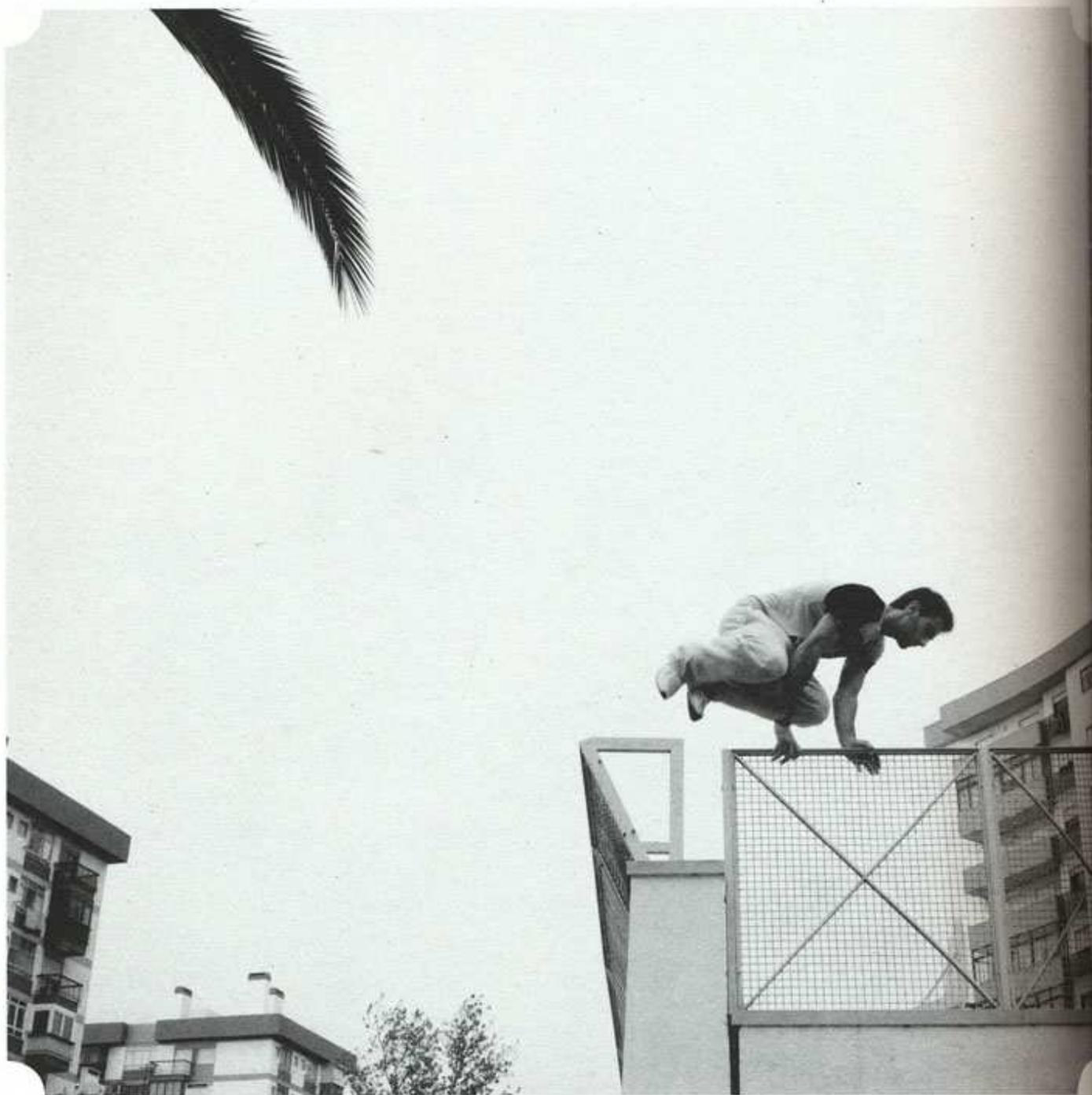


vício

EVERYBODY LOVES PARKOUR
A REALIDADE FRANCESA

EM PORTUGUÊS DIZ-SE PARKOUR!
A REALIDADE PORTUGUESA

GONÇALO F. SANTOS
PORTFOLIO



EVERYBODY LOVES PARKOUR

texto **Thomas Hahn**

"O parkour é um sismógrafo da liberdade social." Fenômeno urbano ou releitura pós-contemporânea dos códigos coreográficos seculares, transformou-se com os anos, numa outra forma de viver o corpo e a cidade. O *traceur*, ou seja, o praticamente é umas vezes um herói, outras um perturbador da paz. Na Internet torna-se um coreógrafo. E quando não há betão, contenta-se com árvores.





Parkour! Aquilo que hoje assim é chamado, correspondendo a uma modificação a partir da palavra *parcour* na fonética urbana dos Hip-Hoppers e Riders, era inicialmente conhecido sob o conceito de *art du déplacement* [arte do deslocamento]. Com a sua propagação [nos subúrbios franceses] tornou-se uma arte. Assim, dois séculos e meio depois das *Lettres sur les danses et les ballets* de Noverre, escrito em 1760, entra novamente no mundo um conjunto de conceitos franceses. Ao *danseur étoile* segue-se o *traceur*, ao *entrechat* o *saut de chat* [pulo do gato]. Saltam na horizontal, para cima, coreograficamente e escalam alegremente em conjunto como os mais flexíveis dos nossos miadores domésticos. Conceitos como *passe-muraille* [ultrapassagem de paredes], *tic-tac* ou *saut de détente* [salto à distância] são firmemente estabelecidos, mas também são acrescentados conceitos ingleses como *backflip* e *wallflip*. Uma prova de que o parkour não se serve de Noverre, que estabelece os saltos desta disciplina nesse tratado. E porque o faria?

Há muito que a França não tem o domínio e o prestígio que tinha no século dezoito e os *traceurs* têm, desde o princípio, o seu próprio domínio teórico. David Belle e Yamakasi são as suas figuras de referência e incorporam a autoridade moral, como outrora eram Afrika Bambaata e a sua nação Zulu para o Hip-Hop. O desafio: experimentar caminhos que ninguém anteriormente tenha percorrido, realizando-os tanto quanto possível em linha recta, superando elegantemente todos os obstáculos e dando, desse modo, encanto ao cinzento quotidiano e aos bairros habitacionais.

A ARTE DA DESLOCAÇÃO

O termo inglês para parkour é *free running*. Um termo imperfeito, porque parkour não significa correr à toa. Uma eventual liberdade resultará do facto de os muros e os obstáculos serem superados. O *traceur* lê a selva urbana tal como o alpinista o rochedo. Para os sujeitar ele aceita o diálogo. No parkour o betão é, ao mesmo tempo, adversário e parceiro. Dança-se em conjunto uma espécie de capoeira, mesmo quando o parceiro se encontra imóvel.

L'art du déplacement surgiu há dez anos, aparentemente do nada, e sem dúvida em Evry, uma *ville nouvelle*, de uma cidade de Retrote, com alguma má reputação. Planeados como paraísos, as *villes nouvelles* acabaram em desvios sociais. E subitamente Evry tornou-se, graças aos *traceurs*, o centro do mundo. Com efeito, tornou-se um mito apenas para alguns jovens pioneiros, que são conhecidos sob o nome de Yamakasi ⁽¹⁾. Hoje o parkour estende o seu trajecto desde a Itália até ao Brasil, às grandes cidades, é praticado já pelo sexo feminino. Mas Evry permanece a Meca de todos os *traceurs* e *traceuses*. O presidente da câmara municipal desta cidade, o social-democrata Emmanuel Valls, promete que no prazo de um ou dois anos a *Académie de l'art du déplacement* (ADD) disporá do seu próprio edifício. A academia foi fundada em meados de Maio durante um encontro mundial, ocorrido em Evry, dos Yamasaki e das suas gerações de parkour, filiadas em Londres.

"Evry for ever!" Todo o *traceur* sonha em praticar parkour em Evry. É o sítio ideal, como as ondas do Hawaii para os surfistas. "A cidade parece estar construída para isso", comprova a Crew [grupo] de PAC XIII de Aix-en-Provence, no sul de França. Também eles vêm de uma espécie de *banlieue* de Aix-en-Provence, mas o seu quarteirão, Le Pont de L'Arc, irradia a satisfação da classe média, condições ideais para dar uma aparência harmoniosa ao parkour, desenvolver coreografias quiméricas entre corrimões e tectos, cercas e árvores. E isso significa que o terreno exterior é realmente hostil a uma disciplina que queira surfar nos obstáculos de betão como um avião no ar contra o vento contrário.

Uma volta em torno da cidade com Yohan, Arnaut, Valentin, Jérémy e Pablo torna claro porque é que sonham em praticar parkour em Evry. Aix é uma grande aldeia circular, ligada por uma avenida de circunvalação. Intramuros existe apenas arquitectura em arenito, ruas com lojas, repuxos e cafés. Não há construções estreitas, nem betão. Um paraíso para os turistas. Se o calendário oferecer um fim-de-semana prolongado, comparecem uns perante os outros e correm lado a lado tal como se vê apenas em Praga. Os cafés, lojas e cabeleireiros podem estilizar, tanto quanto queiram, os seus interiores ao gosto das *fashion victims*. Mas para os *traceurs* a cidade interior de Aix continua a ser um deserto.

Os PAC XIII foram o primeiro grupo da cidade. Surgiram há três anos. O nome remete para a proveniência da Crew, o subúrbio



Ponte de l'Arc. Aí existem casas unifamiliares, cobertas com típicas telhas vermelhas de Provence. A única coisa que o *traceur* busca é uma zona de bairros sociais modernos tal como aqueles que existem por detrás das avenidas de circunvalação. Aí existe, pelo menos, algum betão, mas em Aix existe simplesmente mais espaço à disposição do que em, e à volta de, Paris. Também a urbanização nos bairros sociais é mais dispersa e os apartamentos da classe média superior são contínuos. As persianas permanecem fechadas. Existe só um lugar à disposição, onde se pode saltar, a uma altura espectacular, de telhado para telhado. E, então, encontra-se o acesso ao telhado, a entrada do sétimo andar, fechado. Porque em todo o mundo de Aix a arquitectura não produz os obstáculos de que a juventude necessita para se desembaraçar, mas apenas a mentalidade.

NÃO TENHAM MEDO!

O Parkour é mal conhecido e causa medo. Isto nota-se em cada encontro. Muito estranha é a sua aparição. Um grupo de jovens com t-shirts pretas, que alcança o parapeito de um edifício público, causa desconfiança aos amigos dos cães, que passeiam com o seu gassi com quatro patas, e a todos aqueles que, no seu sossego de domingo, por lá passam com o seu carro. Isto acontece, em primeiro lugar, quando aparecem figuras pretas nos telhados, porque foram fotografadas como se quisessem fazer uma posse. Fotografadas, identificadas e presas. Custou-lhes nove horas de esquadra e os pais puderam libertá-los novamente às duas da manhã. "A polícia não nos deu nenhuma hipótese de esclarecer o que fazemos. Aos seus olhos, só se poderia tratar de um criminoso." Os únicos muros de betão de que necessitam para praticar o *saut de bras* [salto de braços] ou o *saut de précision* [salto de precisão] estão recolhidos em garagens demasiadamente profundas, muitas das quais em bairros sociais privados. Claro que nesse momento a arrendatária insulta-os à janela, porque receia pelos seus canteiros. Na verdade, o Spiderman é precursor do *traceur*, mas será que a arrendatária conhece o Spiderman? Ela já viu demasiados policiais na TV. Entretanto, é bastante claro para o Sixpack dos PAC XIII o modo como lhe colam o cliché de Yamakasi. "No fundo atribuíram-nos uma posição de macacos, porque nos seus filmes, pelos quais a *art du déplacement* ficou conhecida, eles



desempenham o papel de ladrões. O parkour é um sismógrafo da liberdade social. O espaço público estreita-se cada vez mais. Tudo se torna progressivamente espaço privado. No fundo estimula-nos cada vez mais a descobrir o que aí se esconde. Parapeito e vedações não são, ainda assim, obstáculos. Mas os proprietários ameaçam-nos frequentemente com a polícia." Porém, nem sempre se ficam por ameaças. Neste sentido é uma sorte para eles que a maioria ainda seja menor. A situação é paradoxal. Enquanto que em Evry a política quanto à vaga de parkour é aceite, os *traceurs* são alvo de uma muralha de incompreensão nas cidades burguesas. Não existe muralha mais difícil de escalar. Tiveram uma única oportunidade de se exprimir na imprensa local. Daí resultou, da parte do Parkour, uma reflexão sobre a sua própria situação, que cria dos quinze aos dezoito anos indivíduos surpreendentemente maduros e emancipados. E não apenas isso. Eles irradiam harmonia e paz interior, tanto colectiva como individualmente.

Em grupo, motivam-se em diversas direcções, aprendem uns com os outros e desenvolvem intuitivamente sequências coreográficas, através de saltos sincronizados e saltos realizados em cadeia, ficando os pés na parede ou árvore (os *flips*). Mas quando há um terreno, como em Aix, em que isso não é apropriado, três Crews umas ao lado das outras mostram que hoje isso existe tanto mais quanto o parkour corresponder à necessidade de se apropriar do seu meio ambiente.



Assim, para encontrar novas inspirações, para alternar com outros *traceurs*, encontrar outros lugares e desenvolver novas figuras, os PAC XIII tiveram que afastar-se e praticar o seu *free running* na praia de Cannes. O estilo dos PAC XIII é muito mais marcado pela acrobática do que pelos grupos das cidades socialmente debilitadas. Também não se poderia ter desenvolvido de outra forma. Eles andam através da cidade de um lugar para o outro. O ideal do parkour tem um aspecto inteiramente diferente. Pretende fazer-se do movimento uma arte e não apenas mover-se para sonhar uma vez ou outra com Evry. Daí que os PAC XIII não sejam *traceurs*. Para estes, eles estão na selva de betão de Marselha. Através da Internet confraternizam com equipas da Bélgica, Canadá ou Evry. Convidam outros grupos e alojam-nos num intercâmbio escolar, autónomo. Com as outras equipas de Aix as relações são menos idílicas.

SER MAIS DO QUE MODA

Tal como todos os *traceurs*, os PAC XIII sonham poder vir a viver um dia da sua arte. Mas não pensam nisso, não porque considerem que o parkour despreze a formação profissional ou académica, mas porque para o *traceur* o próprio caminho é o fim, e os PAC XIII prescreveram inteiramente a filosofia da origem da art du déplacement. Isto não é válido apenas para todos os grupos em Aix. "Houve uma verdadeira vaga de parkour e constituíram diversas Crews, mas a maioria voltou, depois de pouco tempo, a dissolver-se novamente. O efeito de moda nunca durou muito tempo. E muitas equipas praticam hoje parkour com o objectivo de vencer os outros. Aparentemente não compreenderam bem o parkour." Na verdade, o pensamento de concorrência contradiz os princípios. E certamente não porque induza o *traceur* a



superar as suas capacidades, quando postas à prova, e a pôr em risco a sua saúde. O parkour é simplesmente demasiado perigoso para todos aqueles que eventualmente acreditem poder abdicar da força mental e provoquem austeros e objectivos desvios relativamente aos riscos constantes.

Mas como será possível um sentimento de concorrência quando os *traceurs* atravessam as cidades em vagas espontâneas nunca antes vistas? O parkour também se difunde nos media. E compare-se o seu resultado em canais de vídeo amador como o Youtube ou o Daily Motion. "Todas as equipas colocam os seus videos na Internet. O parkour funciona de uma maneira inteiramente diferente de algo como o *free style slalom* dos skaters. Os *traceurs* não se expõem. Eles não permanecem num único lugar, nem põem o boné na berma da estrada para que os turistas lhes deixem dinheiro. Peço desculpa, parkour não é circo!"

Os PAC XIII permanecem, por princípio, com um componente orgânico, mesmo quando desenvolvem no seu campo uma variante que seja coreográfica e harmónica. Porquê, então, desenvolver uma coreografia, que qualquer pessoa pode reconhecer, quando se deve, antes de mais, ter cautela diante de muitos espectadores? Em primeiro lugar, porque fortalece a definição do colectivo e em segundo lugar por causa do vídeo. A Internet marca a diferença. Quando os Yamakazi e outras equipas começaram a queimar em Evry os vestígios das suas marcas de sapatos nas ruas da cidade, ainda ninguém pensava no Youtube. Mas sem Internet não haveria as centenas de Crews que hoje em dia há por todo o mundo.



[1] Yamakazi é também um nome de dois filmes realizados e produzidos por Luc Besson. Veja no nosso sítio um excerto dos filmes com comentários aos mesmos.

Tradução do Alemão Nuno Ribeiro





EM PORTUGUÊS DIZ-SE PARKOUR!

texto **Fernando Ramires**

Em Portugal não se pode falar de uma comunidade de praticantes de parkour. Mas já há quem ande a descobrir outras formas de se deslocar. Acompanhámos um grupo pelos telhados de Lisboa.



A comunidade lusa praticante de *parkour* é fragmentada existindo apenas um grupo formalmente organizado e constituído por praticantes vindos de Almada, Barreiro e Montijo. Na sessão de treino que a OBSCENA acompanhou, no fim de Novembro, dos dez membros apenas seis responderam à chamada.

André Pereira, 24 anos, foi um deles. Descobriu o *parkour* através de um documentário da BBC ao qual se seguiram "muitos vídeos na internet". Depois convenceu um amigo a enveredar na descoberta "dessa coisa esquisita de pessoas que saltavam muros, trepavam paredes, escalavam edifícios e um sem número de situações incomuns", explica com um considerável *background* de cinco anos de experiência(s).

Se na base do *parkour*, está a ausência de compromisso, e apesar de estar prestes a finalizar do curso de Engenharia Electrotécnica, André não pensa desistir. "Não existe qualquer obrigatoriedade. É tudo uma questão disciplina. Treino consoante a minha disponibilidade e vontade. Até o corpo e mente o permitirem irei continuar, não há regras!".

Ninguém afirma que o *parkour* seja uma filosofia de vida, seria demasiado lugar-comum e redutor apelidar tamanha destreza física recreativa em clichés convenientes. Ninguém gosta que a actividade possa ser colada a palavrões tais como zen, karma ou espiritualidade. *Parkour* é a arte da deslocação sem auxílio de qualquer instrumento que não seja o seu próprio corpo. Simples? Talvez.

O que se mantém nesta espécie de equação matemática, desafiada tanto por um muro de três metros como por uma pedra no caminho, é adrenalina do praticante. Uma constante variável dos espaços numa permanente expectativa na busca incessante das limitações mas com a consciência que o *parkour* é um modo de vida controlado por quem pratica.

Tiago Silva, de 21 anos diz-nos que "um salto mal calculado e algum excesso de confiança podem trazer alguns dissabores". Recentemente fez um corte no joelho. "Não foi muito profundo mas o suficiente para não voltar a facilitar", garante. "Até ao momento ninguém sofreu nenhuma lesão grave porque estamos conscientes do perigo desta actividade", reforça. É imperioso saber, diz o *traceur*, que para a prática do *parkour* resultar é necessário um aquecimento apropriado prévio, "começando no mais ínfimo músculo, articulação, tendão, em prol da activação, potencializando assim o sistema cardiovascular". "Tem que estar tudo a bombar", alerta, porque o corpo "está em permanente ebulição".

Uma boa aprendizagem do potencial *traceur* tem de ter em conta que o sucesso assenta na maximização da estrutura muscular, aliada a uma boa conexão mental, executando cada movimento com extrema precisão, equilíbrio, segurança, e uma panóplia de sinónimos em que a concentração é a palavra-chave. O descurar desta máxima pode ser a diferença entre uma modalidade dita segura e um sem número de

precedentes que dão origem a lesões ligeiras ou profundas. Todos os praticantes que a OBSCENA encontrou são unânimes em afirmar que "uma pequena distração pode ser a morte do artista". Convém que a prática deste desporto seja vigiada por alguém certificado ou possuidor do *know-how* quanto baste. Certificados para dar formação em Portugal estão cerca de dez elementos que, teimosamente, se capacitam com formações no estrangeiro, nomeadamente em França, berço da actividade. Posteriormente aplicam os ensinamentos nos mais variados locais, desde escolas, a workshops em grandes áreas comerciais.

MEENHA NÃO ENTRA!

Luís Sim Sim, de 22 anos a residir no Montijo, deu-se conta da actividade através do filme *Yamakasi - Os samurais dos tempos modernos*, de Luc Besson. "Naquela altura [o filme é de 2001 e a sequência de 2004] a informação era escassa, mas dava para ter uma ideia, e de seguida fui para a rua treinar" refere com extrema simplicidade. Com a criação de um sítio em português [www.parkour.pt] potenciaram-se os laços de interligação e começaram a marcar-se encontros para troca de "impressões". O efeito foi "de bola de neve", conta-nos.

Sem ser possível precisar com exactidão o número de praticantes, o mentor do site que, tendo como base os registos online, estes estejam entre os 2500 a 3000. "Mas há muitas pessoas que não sabem da existência do site, e como tal, é contraproducente afirmar quantos são os praticantes em Portugal", diz-nos.

Raparigas há poucas. "Tenho conhecimento de três ou quatro que tentaram e depois nunca mais tivemos notícias delas, acabam sempre por desistir", afirma Flávio Horta, com uma estridente gargalhada. Ainda não fez vinte anos e iniciou-se há três depois de ver um vídeo de David Belle no *You Tube*. Chama "irmandade" à comunidade de *traceurs*, mas lamenta só poder treinar uma vez por semana por ser operacional do Exército. Marco Barata, 22 anos, especula: "é uma questão de mentalidades embutidas na sociedade que catalogam esta actividade só para rapazes. Mas nós não colocamos entraves nem somos preconceituosos acerca da entrada de raparigas no grupo".

"Sê forte para ser útil", é o lema deste praticante que, no entanto, considera hiperbolizada a realidade: "a actual exposição é positiva, apesar de um pouco distorcida. Por exemplo, a série *Morangos Com Açúcar*, da TVI é uma boa montra para difundir o conceito do *parkour* mas nem tudo o que vi corresponde à verdade. Mas entendo, é um produto para vender por isso tem de possuir uma componente mais comercial e sedutora. Desde que não seja conectada com vandalismo ou outras actividades ilícitas, aceite".